

O TEXTO NO ENTRE-LUGAR: CONDICIONAMENTOS DA FALA DIGITADA EM UMA LISTA DE DISCUSSÃO¹

Leonardo Vidigal

Resumo

Este trabalho discute algumas das características dos textos elaborados sob a forma de mensagens de correio eletrônico e organizados em listas de discussão. Parte do pressuposto de que sua compreensão, como texto e como constituinte de um ambiente comunicacional, não pode ser apreendida sem levar em conta fatores específicos. Dentre estes, os principais seriam os relacionados com o meio onde trafegam, com as características do grupo que compõe cada lista e o assunto principal em debate, que motiva a existência da mesma.

Palavras-chave: listas de discussão, correio eletrônico, Internet

A atenção da imprensa brasileira foi despertada nos últimos tempos pelo suposto aparecimento de uma estranha linguagem, chamada em algumas reportagens de “internetês” e usada em sua maioria por crianças e adolescentes. Ela se manifestaria principalmente na comunicação síncrona (simultânea), entre duas pessoas via salas de *chat* na Internet (através de programas específicos ou pela web) ou na assíncrona (não-simultânea) via mensagens de texto no celular. A abordagem sobre o assunto varia da simples constatação da existência de um modo diferenciado de expressão associado às novas tecnologias, até a utilização de tons alarmistas acerca da integridade futura da Língua Portuguesa (Góis, 2005). As circunstâncias que estabeleceram as condições do ato de troca escritural entre os atores sociais não foram problematizadas em tais reportagens, de resto superficiais. Mas elas ao menos passaram a despertar algumas questões sobre o papel dos requisitos técnicos (como a necessidade de rapidez na digitação das mensagens ou a configuração do teclado, entre outros), como fatores constituintes de tal formato expressivo², algo que o meio acadêmico brasileiro vem abordando, embora timidamente, nos últimos anos. Assim, para o senso comum, a percepção de tais questões, geralmente marcada por visões declaradamente apocalípticas (soando o alarme contra a deterioração da língua) ou francamente integradas (saudando as novas tecnologias e suas vantagens), começa a ser relativizada pelos diversos fatores e contingências envolvidas. Tal direcionamento do olhar sugere a necessidade de mais pesquisas empíricas sobre situações de comunicação mediadas por artefatos tecnológicos programados para uma rápida obsolescência e cada vez mais presentes em nosso cotidiano.

Este artigo procura levar a investigação do “ato de fala digitado” - seguindo Bakhtin, que se referiu ao livro como “ato de fala impresso” (1979) - para o formato do correio eletrônico, disposto sob a forma de listas de discussão. O e-mail foi a forma pioneira de comunicação massificada via computador, onde se manifestaram os primeiros exemplos da fala digitada, hoje disseminadas pelas diversas configurações interativas que compõem o ambiente plural e cada vez mais amplo da Internet. As particularidades técnicas do e-mail não mudaram muito desde o seu desenvolvimento inicial, o que dá solidez à pesquisa realizada em um campo conhecido pela rápida mutação tecnológica. Além disso, continua sendo um dos formatos mais utilizados pelos internautas, tanto no Brasil quanto no resto do mundo, por sua simplicidade e versatilidade.

No Brasil ele se encontra hoje de certa forma banalizado na esfera acadêmica (para a qual foi criado), entre as famílias que possuem computador (que ainda são menos de 15% da população), no meio empresarial (onde a maior parte dos empregados possui acesso à Internet, embora de forma cada vez mais controlada), no setor estatal (idem), e entre os frequentadores de clubes, cibercafés e de aeroportos, entre outros. A tendência para a popularização desse meio, que pode ser ainda mais ampliada pela entrada em cena dos celulares e da TV digital (que possui um potencial interativo e inclusivo cuja concretização beneficiaria milhões de brasileiros) torna cada vez mais necessário o estudo de suas características.

Listas de discussão são a forma consagrada para a constituição de contextos de relacionamento através do correio eletrônico. Elas foram concebidas por pesquisadores americanos nos primeiros anos da Internet³ para possibilitar um diálogo textual mais amplo do que o estabelecido entre duas pessoas. Nessa configuração, quem envia uma mensagem para uma dada lista na verdade a está enviando para todos os participantes inscritos na mesma. As eventuais respostas à primeira mensagem, dirigidas ao endereço coletivo, são igualmente repassadas para todos, constituindo correntes de mensagens ligadas a determinados assuntos, chamadas no jargão dos pesquisadores da área de *threads*, constituída por mensagens marcadas pela repetição do campo *subject*, com o prefixo *Re.*, indicando ser uma resposta (*reply*) a uma mensagem anterior.

A leitura e a possível resposta aos enunciados acontecem de forma individual, sem a co-presença de seus pares. Todos têm acesso apenas ao resultado do fluxo da consciência de cada um, mas não ao processo de elaboração do enunciado, que, como bem salientou Schutz, só pode sofrer a interferência do interlocutor no caso da interação face a face ou por dispositivos como o telefone (1979). O fato de haver uma audiência para o que está sendo intercambiado pode promover o equilíbrio entre fatores desagregadores e os agregadores, construindo assim um grupo único e auto-organizado de indivíduos. Apenas nessa interseção de telepresenças que o grupo existe como tal e é esse ambiente comum que circunscreve os participantes, muitas vezes situados em diferentes cidades, estados, países ou continentes. Isso remete a uma das principais características desse meio, que é a de estar situado em uma espécie de dimensão intermediária, possibilitada pela circulação de textos, falas, imagens, sons, dados e outros bens simbólicos em escala planetária através de variados dispositivos⁴.

ENTRE-LUGAR

O marco de origem de tal dimensão talvez tenha sido a primeira transmissão telefônica bem-sucedida, realizada por Graham Bell em março de 1876, inaugurando um novo tipo de comunicação, telepresencial, colocando em contato por meios técnicos as vozes de dois indivíduos situados em locais diferentes. O “lugar” desse encontro não estava em nenhum dos espaços ocupados pelos interlocutores, mas ele acontecia mesmo assim, caracterizando uma espécie de entre-lugar⁵. Quando os indivíduos entram neste plano, seja através do telefone, do computador ou de outro dispositivo, cessam momentaneamente as atividades referentes ao mundo concreto. Eles podem muitas vezes experimentar mais de uma configuração comunicativa ao mesmo tempo, como o *chat* e o *e-mail*, estabelecendo conexões com outros indivíduos ou com grupos, mantendo os corpos em repouso ou mesmo em movimento enquanto o fazem (como no caso de celulares e *notebooks* ligados a redes sem fio). Mas, seja qual for o tipo de conexão e posição corporal verificados, as variáveis espaciais ainda são reduzidas a um denominador comum. Isso porque telepresença em tal ambiente nos situa potencialmente a meio caminho de qualquer lugar, possibilitando a conexão com outros fisicamente distantes, mas virtualmente próximos. Para quem já está habituado ao uso de tais dispositivos, é difícil perceber essa natureza intersticial do meio eletrônico. Mas ela existe e opera na forma como reinventamos nossa fala e nossa escrita nesse entre-lugar.

Assim, por um lado, temos uma perspectiva que considera as peculiaridades deste meio, nos permitindo pesquisar o que ocorre em tal entre-lugar como manifestações que teriam uma coerência interna só possível em tal ambiente. Por outro, seria preciso considerar um dado contexto relacional edificado através das redes computacionais como um *locus* inserido na vida contemporânea, que não seria nem poderia ser imune às conformações socioculturais a que todos estamos submetidos. Esse entre-lugar, apesar de diferenciado, não pode substituir inteiramente a experiência do encontro presencial, apesar de muitos passarem boa parte de suas vidas imersos nele, mesmo que abordem temas ligados a experiências concretas. Entretanto, ele possibilita o estabelecimento de conexões com o objetivo de discutir determinados assuntos, na maioria das vezes prescindindo do contato físico entre os interlocutores. Nesse ponto é possível identificar como cada grupo que se organiza em listas de discussão se articula com

o tema em debate (que geralmente é o que aglutina os internautas em listas desse tipo). No caso do contexto relacional abordado nesse artigo, o tema que reuniu os participantes foi o *reggae*.

EIXO TEMÁTICO

O *reggae* é um gênero de música popular concebido primeiramente na Jamaica, tornando essa ilha caribenha mundialmente famosa e ajudando a fazer da mesma um conhecido destino para turistas, tendo como maior destaque suas praias paradisíacas. Na maioria das vezes reduzida a seu aspecto turístico, a Jamaica também se sobressai como um intenso laboratório de produção musical (além de apresentar obras dignas de nota na área audiovisual, nas artes plásticas, entre outras expressões artísticas). Em um mercado extremamente concentrado e auto-suficiente, diversos formatos muitas vezes reunidos sob o nome *reggae* (mas também compostos por gêneros e subgêneros como o *new roots*, *dancehall*, entre outros), são testados todos os dias em bailes populares e pela venda de baratíssimos compactos de vinil. Tudo isso é alicerçado por uma consistente base simbólica e temática, expressa nos instrumentos usados, indo dos tambores de inspiração africana aos computadores, mas que se manifesta principalmente nas letras das canções.

É um ideário que combina posições pacifistas e ascéticas com o inconformismo e o discurso revolucionário, articuladas, para alguns surpreendentemente, com mensagens de cunho espiritual, a maior parte delas ligada ao sistema filosófico e religioso conhecido como rastafarianismo⁶. As características gerais do *reggae* e sua significativa inserção nos diversos sistemas culturais que se apresentam no território brasileiro, foram abordadas em outro artigo por este autor (Vidigal, 2006). As regiões brasileiras que se destacam nesse sentido, como os estados do Maranhão e Bahia, a cidade de São Paulo, entre outras, apresentam algumas apropriações de cunho similar entre si e outras fortemente idiossincráticas. São arranjos metaculturais complexos, condicionados por circunstâncias contaminantes diversas, que são determinadas por fatores como: maior ou menor proximidade da Jamaica, formas locais de consumo e lazer, modo de acesso às fontes musicais, entre outros. O importante para este trabalho é analisar como os eixos temáticos determinados por essa rede simbólica também condicionam a fala digitada que constitui a lista denominada MAS-SIVEREGGAE, que existe até hoje e acumulou, ao longo de nove anos e meio, uma longa e rica história relacional.

A LISTA REGUEIRA

A lista MASSIVEREGGAE começou a operar logo após o lançamento da home-page Massive Reggae, em julho de 1997. Esta home-page (ainda existente) é uma versão digital da revista/fanzine homônima, que circulou em edições impressas entre 1992 e 1996, editada por este pesquisador e alguns colaboradores. Os primeiros integrantes da lista eram leitores da revista e do *site* que desejavam manter-se atualizados sobre as modificações realizadas no mesmo. Ela começou com apenas 20 integrantes, passou por vários servidores diferentes (correspondendo a quatro fases distintas) e tem hoje mais de 200 participantes. O *corpus* analisado corresponde a todas as mensagens trocadas e armazenadas entre julho de 1997 e setembro de 2001, perfazendo 4000 unidades.

Listas de discussão podem surgir de uma reunião anterior de indivíduos, ou passar por um processo de construção, incorporando os integrantes pouco a pouco. Também podem servir a propósitos sazonais, que encerram suas atividades tão logo o intento seja atingido, sendo utilizadas, por exemplo, como quadro de avisos e/ou *clipping* para congressos, cursos, disciplinas e outros eventos acadêmicos. Podem ainda direcionar a discussão para temas, sem prazo para encerrar suas atividades, como é o caso da lista MASSIVEREGGAE. Esta não é ligada diretamente ao universo do trabalho, embora vários de seus integrantes sejam profissionais que se sustentam através do reggae, como músicos, produtores, radialistas, jornalistas, designers etc.

Ela não é orientada para a realização de tarefas, embora em alguns momentos tenha havido uma mobilização intensa no sentido de estabelecer mais claramente algumas metas coletivas. O objetivo genérico é trocar idéias, informações e discutir opiniões acerca dos diversos subtemas relacionados com o *reggae*. A grande maioria das mensagens não é, em seu aspecto formal, muito diferente das encontradas usualmente em listas de discussão. Mas alguns elementos condicionantes a tornam única e devem ser considerados para que suas mensagens sejam compreendidas e o processo de constituição desse contexto relacional possa ser explicitado.

FALAS DIGITADAS

A lista MASSIVEREGGAE apresenta alguns exemplos interessantes de fala digitada e condicionada pelas características do meio empregado, do tema abordado e do grupo constituído. Pri-

meiramente, é possível analisar as variações peculiares apresentadas pelas mensagens que a compõem, com base no formato básico de unidades textuais desse gênero. A começar pelo nome, o correio eletrônico foi concebido para ser o equivalente do serviço de postagem no entre-lugar digital, enquanto que a mensagem eletrônica corresponderia à carta. Os elementos estruturais clássicos que constituem uma missiva, como o envelope (contendo nome do destinatário, endereço do mesmo e as mesmas informações referentes ao remetente no verso), a saudação, o texto e a despedida (*salutatio, narratio, petitio, conclusio*), foram adaptadas para o formato típico da mensagem eletrônica, composta por cabeçalho (*header* – apresenta o título, remetente e endereço do mesmo, data, endereço do destinatário, entre outras informações técnicas normalmente omitidas para o usuário comum), título (*subject* – que faz parte do cabeçalho, mas pode ser considerado como integrante da mensagem em si), saudação (*greeting* – que determina o grau de formalidade, podendo mesmo ser omitida), corpo da mensagem (*body* – parte principal, a menos sujeita a ser suprimida), despedida e assinatura (Hess-Lutchitch, 2000). Exemplos das adaptações realizada no contexto pesquisado podem ser lidas adiante.

Em segundo lugar, é preciso levar em conta as características do grupo reunido para trocar tais formas textuais. A lista MASSIVEREGGAE é composta, em sua maioria, por integrantes abaixo dos 30 anos, onde pouco mais da metade destes já estava no grupo há mais de seis meses. Isso constituiu um grupo com certo conhecimento relacional acumulado, algo que pode ser até mesmo objeto de consulta, graças ao potencial de armazenamento das mensagens nos programas de *e-mail*. Além disso quase todos revelaram sua identidade, o que pode ser constatado pela leitura dos cabeçalhos, que em 58% das mensagens pesquisadas apresentaram nome e sobrenome do remetente, enquanto que em 40% o nome de quem enviou pôde ser lido em alguma outra parte⁷. Nesse contexto, a informalidade predomina, abolindo na maioria das mensagens as convenções de exposição e tratamento encontradas nas epístolas convencionais, eletrônicas ou não, embora a estrutura mencionada anteriormente seja obedecida, com uma ou outra omissão ou adaptação.

Estas geralmente se relacionam com a cultura do *reggae*, que condiciona de tal forma algumas mensagens que as tornam ininteligíveis para indivíduos não familiarizados com as características peculiares ligadas a esse gênero musical. Isso pode ser explicitado pela análise de alguns trechos de mensagens da lista MASSIVEREGGAE.

O **título**, que explicita o assunto da mensagem, apresenta muitas vezes uma indicação pouco esclarecedora do conteúdo (o que pode dificultar a seleção das mensagens que devem ser lidas, principalmente em listas de grande volume como a MASSIVEREGGAE), às vezes se resumindo a uma alusão ao aspecto do tema principal da lista que será abordado:

- Subject: IRIE FEELING!!
- Subject: !!!Jahhh Rastafari!!!
- Subject: JAH LUV
- Subject: BABYLON!!

Irie é ao mesmo tempo uma saudação, um adjetivo e um advérbio, indicando algo que faz as pessoas se sentirem bem. O texto das mensagens em questão falava justamente de formas de harmonizar corpo e espírito, baseadas nos valores pacifistas e anti-conformistas do *reggae*. Os outros títulos fazem referências diretas a *Jah*, que para os rastas é sinônimo de “Deus” e à *Babylon*, nome em língua inglesa correspondente a Babilônia, que representa para os rastafaris o aspecto corrupto e predatório da civilização ocidental. No entanto as mensagens versavam sobre os temas mais variados, como uma lista de músicas de Bob Marley, um desabafo contra os que falam em Jah e ouvem *reggae*, mas adotam atitudes racistas e outra parecida, mas que relatava incidentes acontecidos com o remetente nos Estados Unidos.

A **saudação**, quando utilizada, é geralmente separada do restante da mensagem por um espaço de parágrafo, como nas cartas comuns. Além de dar o tom geral para aquela interação específica entre remetente e seus interlocutores, tem a função de determinar se a mensagem está sendo dirigida a todos ou a um integrante em particular. Para cumprir tal direcionamento também são empregadas expressões idiossincráticas:

- *E ae galera rasta:*
- Hello Lista!!! PAZ de Jah!!
- I-WAH DUBB
- Positive Vibrations for All !!!!

A expressão “galera rasta” reúne uma forma popular de saudação entre jovens com o adjetivo *rasta*, que designa os praticantes do rastafarianismo. Mesmo sabendo que a maioria dos integrantes não é na realidade adepto de tal sistema religioso, esta e outras saudações, como a que também se refere à *Jah*, reforçando o sentido integrador estabelecido pela afinidade eletiva compartilhada pelos participantes da lista em torno do *reggae*. Da mesma forma, “I-wah” é uma saudação

comum entre os rastafaris (mas usada por apenas um integrante da lista, que assim também se identifica, embora este também coloque seu nome no cabeçalho), enquanto que “positive vibrations” (vibrações positivas) é o título de uma canção de Bob Marley, além de ser emblemático no tocante às características pacifistas de boa parte das letras desse gênero musical.

No corpo da mensagem está, na maioria das vezes, o que o remetente pretendia enviar para a lista. As variações formais e de conteúdo são muitas e é difícil encontrar um padrão, como nos outros elementos componentes da mensagem. As *threads* apresentam muitas vezes mensagens que se resumem a essa parte, dispensando saudação, despedida e assinatura, principalmente naquelas compostas por um número significativo de réplicas e tréplicas postadas em espaços mínimos de tempo, que chegam a gerar mensagens de reclamação, lamentando a suposta transformação da lista em um *chat* (o que geralmente acaba com a seqüência, provavelmente transferida para outros meios). A retomada de mensagens antigas permitida pelo esquema do *reply*, automatizando citações em cascata, precedidas dos sinais >, >>, >>>, estabelece um tipo de comunicação talvez inédito, que mescla respostas diretas a sobreposições de textos muitas vezes sem relação entre si. A diversidade de opiniões e maneiras de expressá-las muitas vezes contradiz os valores pregados em textos e letras de música do *reggae*, mas geralmente tendem ao estabelecimento de pontos de vista compartilhados sobre determinados assuntos, embora temas polêmicos às vezes sejam evitados depois de discussões particularmente agressivas.

A despedida reforça o tipo de relação estabelecida através da mensagem, podendo acrescentar algum outro elemento, como uma conotação afetiva, de gratidão ou de expectativa, concluindo o que se seria informado, mostrado ou disposto para sensibilizar os demais, o que pode ser constatado nos exemplos abaixo. - 1-love, - JAH BLESS AND PROTECT YOU!

- Good vibes for all of you!!!

A missiva eletrônica é fechada através de uma nova indicação do autor, que pode soar redundante, mas é útil pois muitas vezes perde-se o contato visual com o cabeçalho à medida que os destinatários vão baixando a tela para proceder a leitura do conteúdo. De qualquer forma a assinatura é mais um indicativo da persistência da cultura epistolar na mensagem eletrônica. As assinaturas especiais, algumas compostas pela chamada “arte ASCII”, figuras construídas a partir do padrão de caracteres usado na Internet, são mais formais (e bem mais

mo a MASSIVEREGGAE é composta pela reunião destes corpos textuais em um formato fechado e experienciado de forma contínua pelo grupo. O meio virtual seria nesta visão um espaço de sociabilidade, onde as trocas simbólicas edificariam pontos de vista partilhados acerca dos temas e subtemas que motivaram sua formação. Dessa forma entende-se que a mediação acontece através de todos os condicionantes de forma interdependente. Nesse sentido, para analisar a suposta formação de uma linguagem específica para o meio digital, que poderia ameaçar as línguas faladas e escritas, é preciso conhecer em profundidade todos os elementos condicionantes, os resultados das interações e seu potencial como constituinte das diversas visões de mundo presentes na civilização contemporânea.

Vistos pelo senso comum através de estereótipos e julgamentos de valor mal elaborados, tanto o meio ciberespacial quanto a subcultura do reggae são vivenciados cotidianamente por um número cada vez maior de pessoas, que interagem de uma forma apenas superficialmente apreendida. Através de estudos como esse talvez seja possível contribuir para que tais ambientes sejam encarados por uma perspectiva menos condicionada por expectativas utópicas ou distópicas, mas como cenários da manifestação humana em toda a sua complexidade.

NOTAS

- ¹ Este trabalho foi elaborado a partir de alguns temas expostos na dissertação de mestrado “O reggae mediado por computador: apropriação cultural e convivência em uma lista de discussão”, defendida por este autor em março de 2002 no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da UFMG.
- ² Isso pôde ser comprovado, entre outras fontes, por outro artigo veiculado pela mídia impressa, dessa vez na revista feminina Tpm, que tentava mostrar que a economia de tempo proporcionada pela digitação abreviada no celular era pequena demais para ser considerada (Lemos, 2006).
- ³ Segundo Rheingold (1992), a primeira lista a desenvolver alguma espécie de relacionamento entre os integrantes foi a SF-LOVERS, para os aficionados no gênero literário conhecido como ficção científica.
- ⁴ A propagação mundial da Internet aconteceu de forma desigual, estando ainda concentrada nos países desenvolvidos, e, no restante do mundo, restrita às camadas sociais de maior poder aquisitivo (embora iniciativas pontuais estejam mudando esse quadro). Assim é imperativo equacionar formas de inclusão da maioria da população global nas redes de informática, que podem ser um importante instrumento para a democratização dos meios de comunicação, promovendo outros tipos de experiência e colaborando para que a humanidade desenvolva um modo de vida menos predatório e socialmente excludente.
- ⁵ Depois de realizada a dissertação de mestrado que deu origem a este trabalho, foi constatado que este termo já havia sido empregado em outros contextos, com outras conotações (Santiago, 1978). Assim, sua utilização se dá aqui sem nenhum tipo de referência intertextual consciente.
- ⁶ Crença milenarista e anti-dogmática que também se originou na Jamaica a partir dos movi-

mentos de valorização da herança africana organizados por pastores como Marcus Garvey. É representada na Jamaica por diversos grupos que não possuem uma doutrina unificada, embora partilhem a crença na divindade do antigo imperador etíope Haile Selassie I, assassinado em um golpe de estado em 1975 e chamado pelos rastas de Jah, contração do nome bíblico Jeovah (Vidigal, 2002).

⁷ A facilidade com que os integrantes revelam sua identidade, mesmo quando a MASSIVE-REGGAE trata de temas polêmicos como o consumo de drogas ilegais leves, contrasta, por exemplo, com a preferência pelo anonimato verificada em uma lista GLS, pesquisada por Nussbaumer (2000), voltada para a discussão de assuntos como homossexualismo e transexualismo. Nessa lista em particular o anonimato é encarado pelos integrantes como uma forma de proteção diante de uma sociedade agressivamente preconceituosa em relação aos homossexuais. Este é mais um exemplo de como o eixo temático pode condicionar profundamente a interação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, M. *Marxismo e Teoria da Linguagem*. São Paulo : Hucitec, 1979.
- CICOGNANI, A. *On the linguistic nature of cyberspace and virtual communities*. [online] Disponível na Internet: http://fragment.nl/mirror/various/Cicognani_1996.html. Acesso em 16/06/2000.
- GÓIS, A. *Pq jovens te axim?* Folha de São Paulo, Caderno Cotidiano. Domingo, 24/04/2005
- HESS-LUTCHITCH, E. *Letters then and now: (N)Etiquettes in Mail Communication*. [s.l.], 2000. 20p. (Mimeogr.).
- NUSSBAUMER, G. M. *Fora do Armário: A Cibersocialidade em uma Lista de Discussão GLS*. In: Lemos, A., Palacios, M. (org.) *Janel@s do Ciberespaço - Comunicação e Ciberultura*. Porto Alegre: Sulina, 2001.
- RHEINGOLD, H. *A Comunidade Virtual*. Lisboa: Gradiva, 1996
- SANTIAGO, S. *Uma literatura nos trópicos*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1978
- SCHUTZ, A. *Fenomenologia e Relações Sociais*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- VIDIGAL, L. A.. *O Reggae Mediado por Computador: apropriação cultural e convivência em uma lista de discussão*. Belo Horizonte: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG, 2002 (Dissertação, Mestrado em Comunicação Social)

